

LUTA E GLÓRIA DE UMA FACULDADE

ENTREVISTA HISTÓRICA

Através de uma estratégia política, nasceu a Faculdade de Filosofia da Cidade de Goiás, hoje Cora Coralina, A Professora Brasilete de Ramos Caiado, que lutou por 11 anos pela consolidação do ensino superior em Goiás, concedenos, por ocasião do Jubileu de Prata desta instituição de ensino superior, uma entrevista histórica, que recupera a memória da educação na Cidade de Goiás.

Temporis(Ação) - Prof^{ra}. Brasilete, a senhora participou da luta histórica pela implantação do ensino superior na Cidade de Goiás. Sabemos que a senhora e Frei Simão Dorvi estiveram à frente desse processo. Conte-nos um pouco sobre essa história e sobre a criação da Faculdade de Filosofia.

Prof^a Brasilete - A história do ensino superior em Goiás começa em 1792, quando a Rainha dona Maria I, a Louca, de Portugal, para premiar a capitania de Goyaz, que não se revoltara contra o império português, como os mineiros de Vila Rica, e mandava anualmente arrobas de ouro, criou a Escola de Filosofia Racional e Moral. Mas vamos à história mais recente. Com a mudança da capital para Goiânia, o ensino público na Cidade de Goiás ficou reduzido apenas ao primeiro grau. Além de levarem todos os cursos superiores, Odontologia, Farmácia e Direito, foram transferidos para a nova capital a Escola de Aprendizes Artífices, hoje Escola Técnica Federal de Goiás, o Lyceu de Goyaz e a Escola Normal, hoje Instituto de Educação de Goiás. Com essas medidas drásticas para a educação de nossa cidade, criou-se um vazio cultural, a auréola de "berço da cultura goiana" diluiu-se temporariamente e os vilaboenses, desde então, começaram a luta pela reconquista de sua identidade cultural, abalada por esses acontecimentos. Na década de 40, dois grandes educadores, o prof^o Ferreira e o prof^o Alcide Jubé, inconformados com essas medidas, pressionaram até conseguirem do Senhor Interventor, Pedro Ludovico, a criação aqui de um anexo do

Lyceu de Goyaz, que foi o embrião do atual Colégio Estadual Alcide Jubé. Mais tarde, a profª Dolcy Caiado de Castro formou uma comissão de alunos para reivindicar junto ao governo a criação do ensino público secundário, obtendo êxito. Como vocês podem notar, a luta pelo ensino superior passou pela reconstrução de tudo o que perdemos, em termos educacionais, com a mudança da capital. Somente 23 anos após a transferência do último curso superior daqui de Goiás, que foi a Faculdade de Direito, em 1970, um italiano-vilaboense visionário, que tinha apenas o primário incompleto, chamado Frei Simão Dorvi, vislumbrou que a redenção da Cidade de Goiás teria que passar pelo ensino superior. Ao seu sonho, Frei Simão congregou mais 120 sócios e criou, no primeiro momento, a Sociedade Educacional da Cidade de Goiás que, logo em seguida, transformou-se em Fundação Educacional da Cidade de Goiás - FECIGO, que brevemente se chamará Fundação Cultural Frei Simão Dorvi. Criada a Fundação, um convênio foi firmado entre a FECIGO e a Universidade Federal de Goiás, com o objetivo de aqui funcionar uma sala do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação. Das duas únicas turmas formadas, à essa época, saíram pedagogas que ajudaram a consolidar o ensino na nossa cidade. Dentre elas, podemos lembrar de Maria Luísa Oliveira, Maria Lúcia Artiaga, Suzel Andrade Veiga Jardim, Inês e Terezinha Batista, Marlene Veiga, Antônio Valadão Machado, Márcia Calixtrato, a atual diretora da Faculdade Cora Coralina - Maria do Carmo Ribeiro Abreu, e tantas outras que continuam fazendo a história do ensino. A sociedade vilaboense ensinava ter mais do que uma extensão da UFG. Assim, em 29 de agosto de 1972 instalava-se a Faculdade de Filosofia da Cidade de Goiás, criada em 1968, valendo-se de um estratagema político que vale a pena rememorar. O Governador Otávio Lage, à época, relutava em criar faculdades estaduais por questões financeiras. Aproveitando a sua viagem aos Estados Unidos, o então Deputado Estadual Brasília Caiado apresentou a Lei 7.031, de criação da Faculdade, à sanção do Vice-governador em exercício, Dr. Osiris Teixeira. Foi assim, através de uma astúcia política que refletia o desejo dos vilaboenses e tentava corrigir uma injustiça do passado que foi criada a 26 de junho de 1968, a

Faculdade de Filosofia da Cidade de Goiás. Como vocês podem ver, a história do ensino superior em Vila Boa sofreu com o revés da política, ora madrastra, ora madrinha.

Temporis(Ação) Por que só depois de 4 anos de sancionamento da lei é que houve a instalação da Faculdade?

Profª. Brasilete - Ocorreu dessa maneira porque, mesmo sancionada a lei de criação, o Governo da época relutava em instalá-la. Mas, com a ascensão de um vilaboense ao Governo estadual, o Sr. Leonino Di Ramos Caiado, em fins de maio de 1972, nossas perspectivas mudaram.. O inesquecível Frei Simão Dorvi e nós buscamos na residência do presidente da ARENA local, Sr. José Antônio da Serra, contato com o Governador Leonino Caiado. Saímos felizes, ele aquiescera ao nosso pedido de instalação da Faculdade. E mais, se ofereceu para proferir a aula inaugural, o que se realizou, solenemente, em 29 de agosto, no auditório do Cine Anhanguera, hoje Teatro São Joaquim. O sonho dos vilaboenses de resgatar o ensino de 3º grau, bruscamente retirado da nossa cidade no decorrer da década de trinta, estava realizado.

Temporis(Ação) - Fale sobre o funcionamento nos primeiros anos da Faculdade, havia muitas dificuldades?

Profª. Brasilete - A entidade mantenedora - Fundação Educacional da Cidade de Goiás - FECIGO - entidade sem fins lucrativos, não contava com recursos próprios. Entretanto, tínhamos total apoio do Governo Estadual através da Secretaria Estadual de Educação e Cultura e um convênio foi assinado entre as partes. Outro convênio foi assinado com a UFG para toda orientação didático-pedagógica. Tínhamos um excelente quadro de professores, inclusive alguns mestres. Conseguimos a disposição de professores da UFG que tinham cargos no Estado. Lembro-me do Profº Louvercy, da profª Nadir Costa Nunes, do poeta Aidenor Ayres, do escritor Álvaro Catelan, da profª Ely Falanque, entre outros. O nosso curso era de Licenciatura Curta em Letras Modernas - Português-Inglês, com 40

vagas. Alguns dos atuais professores da FFCC foram alunos dessa época: Vidal, Maria de Lourdes Lacerda de Oliveira, Marlene Vellasco, Leda Bosco Muniz da Rocha Lima. E da comunidade, me lembro de Hellé Coutinho Alencastro, Rita Caetano Camargo, Iracema Malheiros, Seila e Sebastião Araújo, Vera e Vânia Azeredo, Tânia Mendes Caiado, Olinda Alves Ribeiro, entre outros.

Temporis(Ação) - E a notificação da Faculdade pelo Ministério da Educação e da Cultura, como foi? É verdade que a comunidade manteve-se apática em relação a esse fato?

Prof^a. Brasilete - Por este Aviso Circular de nº 897, do Sr. Ministro Nei Braga, proibia-se que entidades criadas pelo poder público não poderiam ser gerenciadas por entidades particulares; era o caso da nossa Faculdade. Estávamos no ano de 1975, o Governador do Estado era o Dr. Irapuan Costa Júnior. Por duas vezes Frei Simão, Padre Cirilo Talapka e eu fomos ao Secretário de Educação, Dr. José de Assis a fim de solucionar o impasse. Infelizmente, nada conseguimos. Tentamos resolver o problema através da transformação da Faculdade em entidade particular. A 22 de dezembro de 1975, levamos ao Conselho Federal de Educação, toda a documentação referente àquela solução. O processo tramitou durante 2 anos, quando tivemos que refazê-lo, visto ter desaparecido toda a documentação, entregue anteriormente. A comunidade, em vez de unir forças, se omitiu, inclusive tivemos que abrir as inscrições ao vestibular dos anos 75, 76 e 77 duas vezes para conseguirmos número suficiente de candidatos às 40 vagas apresentadas. Havia um descrédito por parte de muitos e a luta de vários anos parecia resultar em vão. Mas Frei Simão e eu não desistimos.

Temporis(Ação) - A Faculdade conseguiu seu objetivo transformando-se em entidade particular?

Prof^a. Brasilete - Não. Em janeiro de 1978, deparamos com a possibilidade de fechamento da Faculdade, por não atender às exigências do aviso circular 896. Tentamos e conseguimos uma audiência com o então Ministro da Educação e Cultura, Dr. Euro Brandão; colocamo-lhe a par da situação. Imediatamente, ele sustou a homologação do fechamento da Faculdade, acrescentando que daria uma solução ao impasse, em uma próxima visita que faria à Cidade de Goiás, em caráter particular. Em sua visita, o Dr. Euro Brandão disse-nos que não haveria outra saída a não ser que o Estado assumisse a responsabilidade de sua criação. Assim, conseguimos convencer o Sr. Governador Irapuan da sua responsabilidade em solucionar o problema. Porém, só se deu andamento ao processo de transformação em entidade estadual através da então Secretaria de Educação e Cultura, Ana Maria Taveira Camargo de Moura Pacheco, em maio de 1978. O pedido do Estado para assumir a Faculdade foi encaminhado ao Conselho Federal de Educação, o qual deu um prazo até 5 de dezembro de 1978 para que o Estado legalizasse a entidade em termos estaduais. Seria condição *sine qua non* a transformação da Faculdade em uma fundação. No dia 5 de dezembro, entretanto, nada disso tinha acontecido. E por interferência do jornalista, grande amigo desta cidade, Jaime Câmara que pediu ao Sr. Melchior Luiz Duarte, Secretário do Governo, o encaminhamento e sancionamento do decreto de transformação da Faculdade em Fundação Faculdade de Filosofia da Cidade de Goiás. Tenho comigo ainda hoje um documento histórico: um bilhete em papel timbrado da Televisão Anhanguera, escrito de próprio punho, do jornalista Jaime Câmara que veio acompanhando a xerox do despacho do decreto do Governador legalizando o Curso de Letras, onde ele nos parabeniza pela vitória alcançada.

Temporis(Ação) - Em que data você assumiu a direção da Faculdade de Filosofia da Cidade de Goiás?

Profª. Brasilete - Assumimos a direção, a 23 de março de 1979, já no Governo do Dr. Ary Valadão. Imediatamente tomamos todas as providências inerentes às várias diligências baixadas pelo Conselho Federal de Educação. No ano seguinte conseguimos, além de restaurar o prédio do antigo Lyceu de Goyaz, reabrir o vestibular após dois anos de proibição pelo MEC. Conseguimos montar uma excelente biblioteca através de doações, principalmente de Frei Simão que doou a sua biblioteca particular para a Fundação Faculdade de Filosofia. Semestralmente, comprávamos, com dificuldades, alguns exemplares para a biblioteca. Assinamos algumas revistas americanas, encadernamos os exemplares do **Jornal Folha de Goiás**. E, aos poucos e com a colaboração daqueles que acreditaram no sonho, conseguimos dar uma estrutura mínima para o reconhecimento do Curso de Letras.

Temporis(Ação) - Quais foram as medidas tomadas, na sua gestão, para o reconhecimento do Curso de Letras - Licenciatura Plena em Português/Inglês,?

Profª. Brasilete - De acordo com o Conselho Federal de Educação, após dois anos de funcionamento do Curso de Letras, levamos a documentação para obter o desejado reconhecimento do curso. E para alegria de toda a comunidade vilaboense, em fins de 1984, já na gestão do Sr. Pedro Vinícius Pereira, era reconhecido o Curso de Letras - Português/Inglês, Licenciatura Plena.

Temporis(Ação) - Profª Brasilete, qual a sua mensagem ao comemorarmos o Jubileu de Prata da nossa querida Faculdade de Filosofia Cora Coralina?

Profª Brasilete - Durante 11 anos lutamos pela consolidação e qualidade do Ensino Superior. Tivemos momentos de grandes decisões, às vezes, favoráveis, outras vezes, desfavoráveis. Conseguimos

ultrapassar muitas barreiras, várias turmas se formaram, novos cursos foram criados e a Faculdade atinge hoje a sua maturidade. Vila Boa, como no passado, pode-se orgulhar dos grandes mestres formados pela Faculdade: Divina Paiva, Cléudia Barbosa Martins, Marlene Vellasco, , Divino Rabelo, entre outros, a nossa doutoranda Solange Fiúza Cardoso Yokozawa e a nossa doutora Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo. É um exemplo, como segunda entidade de Ensino Superior, criada neste Estado, de luta, perseverança e glórias. E como o sonho morre nunca, é nossa esperança, tê-la como embrião da almejada UNIVERSIDADE FEDERAL DA CIDADE DE GOIÁS.